



# Maria Lacerda de Moura e Ana de Castro Osório: correspondência em trânsitos atlânticos e feministas

*Maria Lacerda de Moura e Ana de Castro Osório:  
correspondence in na Atlantic and feminist transits*

ISABEL LOUSADA

ANGELA LAGUARDIA

Universidade Nova de Lisboa – Lisboa – Portugal



**Resumo:** Com este artigo pretendemos destacar a ponte estabelecida entre Portugal e Brasil por duas mulheres notáveis: Ana de Castro Osório e Maria Lacerda de Moura, assinalando as ligações entre dois republicanos; procuraremos destacar a polémica questão “feminista” entre Miguel Bombarda e Lacerda de Moura, mediada pela correspondência entre as duas escritoras.

**Palavras-chave:** Feminismos; *Trânsitos atlânticos*; *Estudos sobre as mulheres*; Educação feminina

**Abstract:** With this article we intend to highlight the bridge between Portugal and Brazil held by two remarkable women: Ana de Castro Osório and Maria Lacerda de Moura, highlighting the emphasis that apart from other feminist movements interacted with preponderance towards the feminist controversy raging between Lacerda de Moura and Miguel Bombarda, mediated by the correspondence between the two writers.

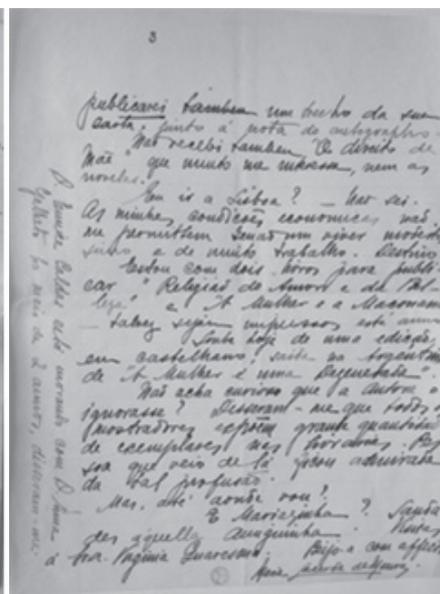
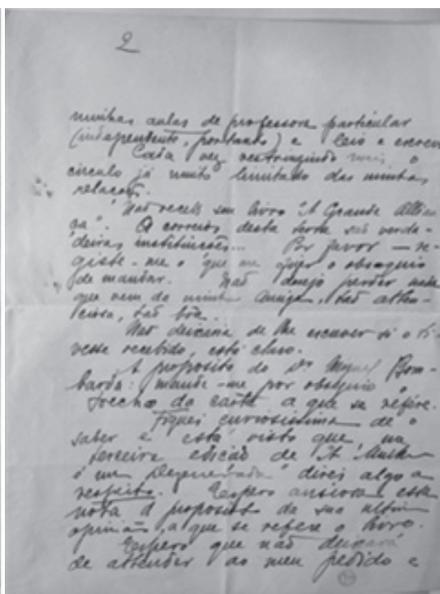
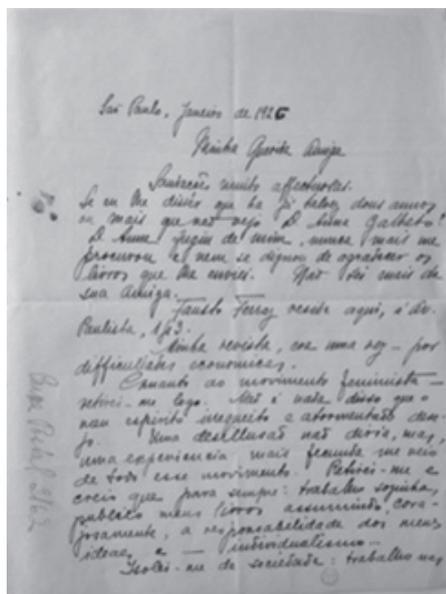
**Keywords:** Feminisms; *Atlantic traffic*; *Women studies*; Female education

“E só pela Mulher educada e emancipada e pela Arte se estabelecerá a Solidariedade humana.”

(MOURA, 1925, p. 84)

“A mulher portuguesa, mais do qualquer outra, desconhece-se a si própria.”

(OSÓRIO, 1916, p. [5])



A presente carta de Maria Lacerda de Moura (1887-1945) a Ana de Castro Osório (1872-1935) encontra-se na Biblioteca Nacional de Portugal, no espólio Castro Osório<sup>1</sup>. Endereçada de São Paulo, em Janeiro de 1926, é um manuscrito autografado e testemunha as relações entre a feminista brasileira e a feminista portuguesa, documento<sup>2</sup> sugestivo do percurso destas mulheres que participaram activamente das conquistas e da história do feminismo no Brasil e em Portugal.

A carta, com suas significativas referências, permite outra “possível” leitura, e ilumina os “bastidores” da amizade entre estas duas escritoras que compartilharam ideais comuns: a preocupação com a educação, com a defesa dos direitos das mulheres, com o desenvolvimento intelectual e emancipação femininos, assim como privilegiava os homens.

Para compreender o contexto em que se insere esta carta e, posteriormente, outra que adiante apresentaremos, assim como os pontos de contacto (intersecção) entre as feministas, reportar-nos-emos à signatária, revelando um pouco da sua história de vida, até 1926, data que inscreve na missiva.

Maria Lacerda de Moura nasceu em Manhaçu, então província de Minas Gerais e aos quatro anos, com a família, transfere-se para Barbacena.

É nesta cidade mineira, incrustada na Serra da Mantiqueira e sob a atmosfera de uma sociedade provinciana, onde o clero católico mantinha o controle sobre o ensino, as relações familiares e sociais, e onde a educação da mulher era restrita ao papel de esposa e mãe, que Maria Lacerda, filha de pai espírita, maçom e anticlerical convicto, inicia uma trajetória que, mais tarde, lhe vai conferir uma diversidade de papéis e definir uma personalidade forte e combativa, sempre em busca de novos desafios.

É, também, deste lugar, que emerge a voz polémica e original da mulher que foi pioneira na área de estudos sobre a condição feminina.

Esta professora, autodidacta e educadora convicta, acreditava na força revolucionária da educação e na missão de exercê-la. A sua demanda é iniciada baseando-se nesta crença, levando-a a procurar métodos inovadores de educação, tendo por isso mesmo, mais tarde, adoptado a pedagogia libertária de Francisco Ferrer y Guardia (1859-1909). Deste período, em que ficou em Barbacena, destacamos a Criação da Liga contra o Analfabetismo (1913) e a publicação dos seus primeiros livros *Em torno da Educação* (1918) e *Renovação* (1919).

<sup>1</sup> V. Espólio da família Castro Osório, N12, BNP.

<sup>2</sup> No artigo de 1997, “A Documentação de Maria Lacerda de Moura (1887-1945)”, assinado por Miriam Lifichitz M. Leite, a investigadora refere-se à carta encontrada no curso da investigação levada a cabo por Nádia Gotlieb.

Assinalamos também, a leitura de uma vasta bibliografia sobre a mulher, reflectindo o genuíno e crescente interesse de Maria Lacerda sobre a condição feminina e sobre os preconceitos que reforçavam ou legitimavam a inferioridade feminina na sociedade vigente, das mais diversas formas. As obras subsequentes editadas denotariam o intensificar dessa preocupação e luta “pelo direito à cidadania, à educação; a necessidade de resistência à redução da vida da mulher ao papel de procriadora, aos preconceitos existentes contra a mulher escritora...” (LEITE, 1984, p. 21), exortando, assim, as mulheres a tomarem consciência do seu papel e da participação social inerente.

Ainda em Barbacena, Moura acompanhou o movimento sufragista de Bertha Lutz, com quem se correspondeu, vindo a colaborar com a criação da Liga para a Emancipação Intelectual da Mulher (1918), no Rio de Janeiro.

Em 1921, mudou-se para São Paulo. Porém, divergências de ordem ideológicas afastam as duas líderes e Maria Lacerda desinteressa-se da luta pelo sufrágio feminino. Junto com mulheres de São Paulo e de Santos (1921), ela funda a Federação Internacional Feminina, cabendo-lhe, ao elaborar os estatutos da Federação, a sugestão visionária para criar uma disciplina sobre a História da Mulher, nas escolas femininas. Entretanto, em 1922, lega o cargo a Bertha Lutz, que fundará a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF), em Agosto de 1922.

Não deixa de ser curioso notar que Maria Lacerda de Moura fora adepta do amor livre, tendo com a médica Adelaide Cabete (1867-1935) afinidades, tais como, não terem tido filhos e defenderem a educação sexual nas escolas para as mais jovens. Moura “reconhecia que as relações mantidas pelas mulheres com seu corpo, os homens, a família e o trabalho eram temas mal discutidos no movimento feminista convencional [...]. Afastou-se do movimento feminista quando passou a acreditar que a luta pelo direito ao voto significava apenas um avanço pontual na condição feminina e que beneficiaria principalmente as mulheres da elite, sem, contudo, abalar as estruturas patriarcais”. (SCHUMAHER E SCHUMA, 2001, p. 399-400).

Maria Lacerda encontra a cidade de São Paulo em plena efervescência: o progresso e a industrialização; os movimentos operários que se organizam, com a participação das mulheres; o movimento libertário do Anarquismo e outras ideologias de esquerda. Os seus contactos, sob esta atmosfera, com activistas políticos, escritoras, trabalhadores e a sua colaboração em vários jornais anarquistas, além das conferências, participações em festivais anarquistas ou outras tantas actividades que exerceu, como a de escritora, não a afastaram dos seus

ideais educacionais, nem dos seus princípios místicos e pacifistas.

Ela foi uma das poucas feministas envolvidas com o movimento operário e sindical do Brasil, por acreditar que a luta feminista deveria ser parte integrante do combate social, foi também “uma das raras pontes entre o mundo operário e o mundo das elites artísticas do país”, como frisou Margareth Rago, em seu ensaio “Trabalho Feminino e Sexualidade”, inserido no *Dicionário das Mulheres do Brasil*, de Mary del Priore.

Entre os acontecimentos da época em que Maria Lacerda permaneceu em São Paulo (1921-1928), comentaremos, a seguir, aqueles mais significativos para a compreensão dos factos aludidos na carta supracitada.

Acreditamos que a proximidade entre Maria Lacerda e Ana de Castro Osório, assim como as pessoas citadas nesta “carta-resposta” de Maria Lacerda, marcam um momento histórico e podem, ainda, sugerir informações enriquecedoras ao panorama feminista do início do século XX, sobretudo ao que aos trânsitos atlânticos respeita.

Assim, em Fevereiro de 1923, o primeiro número da revista *Renascença*<sup>3</sup>, editada e fundada por Maria Lacerda, publica o artigo “A Mulher e seus Direitos no Futuro”, de Ana de Castro Osório. A revista divulgava artigos relacionados com a luta pela emancipação feminina, versando ainda a educação, as artes plásticas, a música e a poesia. No seu terceiro número foi criada uma secção sobre o movimento operário. *Renascença* trouxe à luz cinco edições e o seu encerramento é por Maria Lacerda comentado na carta, ora apresentada: “minha revista, era uma vez... por dificuldades económicas”.

Ana de Castro Osório havia publicado em 1907, em *A Terra Livre*, jornal anarquista paulista, um artigo denominado “Escola Livre”. Pela leitura deste texto se revela defensora das escolas livres, pautadas pelas ideias e métodos de Francisco Ferrer y Guardia; defendendo a fundação e a organização das Escolas Modernas em São Paulo. No texto, além da crítica à escola oficial, que aponta como rígida e assente na vigilância, no castigo e obediência cega à autoridade, Castro Osório refere-se aos que eram considerados párias da sociedade face ao poder subjugador do homem e entre esses cita as mulheres:

Crianças, doidas, mulheres e criminosos, têm merecido o soberbo desprezo  
Do homem, que se julga superior e desdenha ter a sua atenção no estudo  
das condições Moraes e materiaes em que vive essa grande multidão que  
são como párias duma sociedade em que elle só é a classe dirigente e  
pensante, sempre equivalendo ao seu orgulho, e muitas menos vezes

correspondendo á justiça que sempre arrogou como distribuidor.

Para a grande maioria dos homens, ainda hoje, apesar do muito que a  
Consciência humana tem melhorado na sua relatividade social – quanto  
Mais apertadas forem as prisões materiaes e Moraes, onde se guardam  
Essas criaturas inferiores, melhores resultados futuros elle julgaria tirar  
para a propria felicidade.  
(OSÓRIO, Ana de Castro. *Terra livre*. 2 de Abril de 1907, ano II, n. 30)

Educadora, considerada “a criadora da Literatura Infantil em Portugal”, Ana de Castro Osório, foi feminista e republicana destacada. O seu livro *Às Mulheres Portuguesas* (1905) é considerado o primeiro manifesto feminista português, sendo ela também uma das fundadoras da Liga Republicana das Mulheres Portuguesas (LRMP), em 1908<sup>4</sup>, tendo participado em muitas outras associações que omitimos aqui.<sup>5</sup> Foi casada com o poeta e republicano Paulino de Oliveira (1864-1914)<sup>6</sup>, que teve um destacado empenho na organização e fortalecimento do Partido Republicano Português e exerceu o cargo de cônsul no Brasil entre 1911-1914, precisamente até morrer, a 14 de Março de 1914, pois apesar da licença para vir tratar-se a Portugal, de uma crise de albumina, lhe ter sido concedida, a morte encontrou-o primeiro.<sup>7</sup> Durante o período de residência no país irmão, Ana de Castro Osório participou activamente da vida cultural do país, além de ter publicado manuais pedagógicos e obras

<sup>3</sup> A primeira página da Revista *Renascença* discorre sob o título de *Renascença*, lembrando que o nascimento da revista ocorreu logo em seguida da Semana de Arte Moderna em São Paulo, em 1922, o início do texto de Maria Lacerda justifica a comparação sobre o “advento das artes” e o título da revista: “As grandes épocas de Renascimento encontram novas fórmulas, novos rythmos, novas expansões da Belleza e apontam, aos vindouros, typos inéditos, harmonias extranhas, ideaes mais elevados. Nós, os felizes mortais do século XX, atravessamos uma dessas etapas formidáveis. A arte vive ignorados motivos e poetas annunciadores cantam a epopéa de uma singular percepção do Sonho inatingível. O futurismo, pela sua attitude revolucionaria, é digno da nossa sympatia [...] um ponto vago, indistinto, obscuro, no esboço desse caos de transformações”. (*Renascença*, ano 1, n. 1, Fevereiro de 1923).

<sup>4</sup> No discurso da sessão fundadora destacamos o trecho em que Ana de C. Osório explica a razão de seu envolvimento com a política: “[...] Eis o motivo porque eu, como mulher e como feminista, aceito a política como arma de libertação, e desejo que a mulher, ao entrar nela, não vá para o campo mesquinho dos interesses pessoais, mas para o largo horizonte das reformas sociais, que, mais do que a ninguém, a elas devem interessar [...]” (*A Mulher e a Criança*, n. 1, Abril de 1909, p. 1-4).

<sup>5</sup> V. Isabel Lousada, “Pela Pátria: “A Cruzada das Mulheres Portuguesas” (1916-1938)”. In *XIX Colóquio de História Militar – 100 anos de regime republicano: políticas, rupturas e continuidades*, Comissão Portuguesa de História Militar – Ministério da Defesa Nacional, 2011. <<http://run.unl.pt/handle/10362/7007>>.

<sup>6</sup> V. O prefácio de Daniel Pires que ocupa as p. 7 e ss. da obra *Em ferros d’El-Rey*: considerações acêrca da minha prisão, de Paulo de Oliveira, Coleção Clássicos de Setúbal n. 2, Setúbal: Centro de Estudos Bocageanos, 2012.

<sup>7</sup> “Paulino de Oliveira”. In: *O Mundo*, 14 de Março, 1914.

afins no Brasil. Em 1923, ela retorna ao país e durante oito meses profere conferências em São Paulo, Rio de Janeiro, Curitiba, Porto Alegre, Santa Maria e Pelotas, que seriam compiladas em *A Grande Aliança*, assinalando a sua importante contribuição para os movimentos feministas português e brasileiro, cujo vínculo se inscreve na história do feminismo dos dois países: “Façamos pois a Grande Aliança dos povos lusitanos, que é a única que está adentro da nossa alma, que vive em nossos Corações, que se impõe pela tradição do passado e vive o maior sonho do futuro!” (OSÓRIO, 1923, p. 37).

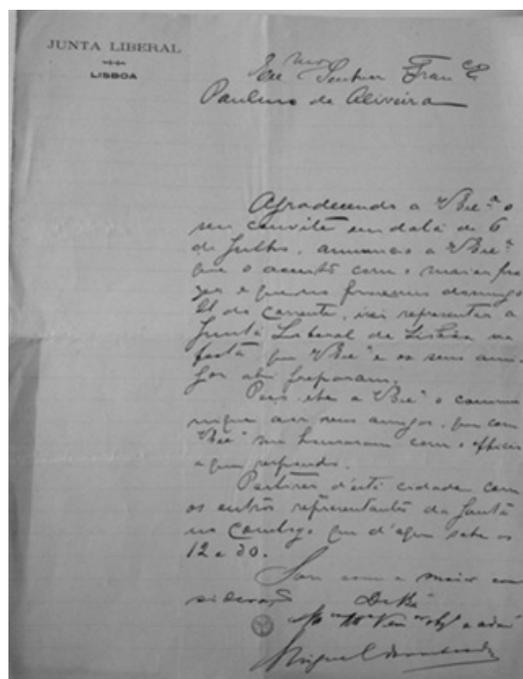
A convocação de Ana de Castro Osório deixa explícito o esforço de união que movia a feminista portuguesa na sua “campanha” pelo Brasil e que, certamente, teve a reciprocidade das feministas brasileiras, razão pela qual Maria Lacerda, na carta, acusa o não recebimento do livro *A Grande Aliança*, com as conferências publicadas em 1924. O facto, registado com pesar por Lacerda, revela a importância da amizade, e das informações que trocavam sobre os livros e assuntos de interesse comum, como a expressão “Querida amiga” corrobora.

Dentre estas informações, destacamos aqui a referência ao Dr. Miguel Bombarda (1851-1910) e uma suposta carta que conteria um trecho sobre ele e que Maria Lacerda pretendia contrapor na terceira edição de seu livro *A mulher é uma degenerada* (1924). Ela expressa a importância da informação, assim como a opinião de Ana de Castro Osório sobre a obra, que seria publicada junto “à nota do autographo”.

No artigo “Maria Lacerda de Moura e Miguel Bombarda: perspectivas da ciência no limiar do século XX” (LAGUARDIA, 2012) está patente uma perspectiva das discussões em torno de um anátema lançado pelo médico psiquiatra português, sobre a degenerescência feminina e a réplica de Maria Lacerda de Moura que dá nome ao seu livro *A mulher é uma degenerada*: “Estas reflexões possibilitam lançar um olhar sobre as teorias científicas que focaram a mulher, no final do século XIX e no começo do século XX, bem como a compreensão da sua luta pela causa feminista” (LAGUARDIA, 2012, p. 128).

A alusão ao psiquiatra torna-se mais relevante no contexto da carta considerando um dos motivos que nos levaram a escrever este artigo: a descoberta de uma correspondência que terá sido trocada entre Miguel Bombarda e Paulino de Oliveira, marido de Ana de Castro Osório, a quem Bombarda endereça a missiva; trata-se de um documento histórico, comprovado e justificado pelo pedido de Maria Lacerda a Ana de Castro Osório.

A relevância da carta encontrada remonta aos bastidores da República Portuguesa, à história do feminismo em Portugal e às ligações entre o feminismo português e brasileiro. Para isto, esclarecemos aqui a ligação entre os correspondentes da carta a seguir:



Miguel Bombarda é considerado o fundador da psiquiatria portuguesa e o seu nome destaca-se também na história da implantação da República em Portugal em 1910. Republicano, maçom e anticlerical polémico, coube-lhe a articulação entre a Maçonaria e o Partido Republicano Português. Francisco Gomes Paulino de Oliveira, marido de Ana de Castro Osório, é natural de Setúbal, tendo nascido na freguesia da Anunciada, em 22 de Junho de 1864, como Daniel Pires deixa saber.

Jornalista, foi também poeta e “começou a versejar muito cedo. O primeiro poema que se conhece da sua autoria intitula-se “Um soneto acerca do cataclismo que flagela a província espanhola Andaluza”. Data de 15 de Janeiro de 1885 [...] A sua primeira obra de fôlego, *Cânticos Sádicos*, foi publicada, em 1888, com o pseudónimo de Anúplio (anagrama de Paulino) de Oliveira, como, aliás, a folha volante transcrita anteriormente” (OLIVEIRA, 2012, p. 10-11). Continuou pela vida fora a cultivar a poesia aliando esse gosto à militância republicana e será pelo seu punho glosada a bandeira hasteada pela República, publicada em 1911, no *Almanaque d’O Mundo*:

Verde, verde, cor dos campos,  
E das ondas a bramar...  
Pátria de heróis pescadores  
E de aldeões a cavar...  
[...]  
Bicolor: verde e vermelha,  
Bandeira ovante a ondular,  
Sagrou-te, a beijos de fogo,  
A revolta a fumegar!  
(OLIVEIRA, 1911)

Retornando à carta que Miguel Bombarda dirige a Paulino, importa ressaltar ser escrita em papel timbrado filiando o médico à Junta Liberal de Lisboa o que é sintomático na medida em que estatui a representatividade que aí detinha, pela expressão “anuncio a V. Ex<sup>a</sup> que aceito com o maior prazer e que no próximo domingo 21 do corrente irei, representar a Junta Liberal de Lisboa na festa que V. Ex<sup>a</sup> e os seus amigos aí prepararam”.

Gostaríamos ainda de assinalar que na rede de intercomunicação entre estes e as feministas (as quais acabamos de vir a acompanhar) havia também uma troca de impressões, nem sempre as mais cordiais, já que como deixa saber a primeira carta de Moura a Osório, entre Miguel Bombarda e Maria Lacerda, as hostilidades continuavam latentes, ainda em 1926. Ainda que qualquer um deles se manifestasse de um anticlericalismo vincado, mas sobretudo antijesuíticos, como bem testemunha o excerto que transcrevemos do *Novo Almanch das Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1901*, esta contenda movia na cena político-social portuguesa diversos interlocutores, para além deles:

As doutrinas sustentadas pelo ilustre professor Dr. Bombarda, no seu livro ‘A consciência e o livre arbítrio’ foram largamente impugnadas em uma série de artigos publicados n’um jornal de Lisboa, artigos ultimamente coligidos n’um volume, que saiu à luz com o título de ‘O materialismo em face da sciencia’ – pelo pe. Manuel Fernandes de Santanna.

O trabalho agora publicado pelo distinto médico é a réplica a esta impugnação.

Não é nosso propósito intervir na contenda nem emitir opinião sobre materia tão melindrosa, como é o do confronto das duas escolas – materialista e espiritualista ou metafísica, tanto mais quanto anda nisso envolvida, como acessório quase inevitável, a questão religiosa. Neste livro de combate o conceituado professor manifesta-se polemista vigoroso, e dotado de notáveis predicados de escriptor – A sua competência no assunto propriamente científico é incontestável, porque ninguém mais do que ele, neste país, se tem dedicado ao estudo da psicologia fisiológica, segundo as mais recentes observações da ciência, cujos progressos tem constantemente acompanhado, como o atestam os seus já numerosos trabalhos na especialidade. É porém de notar que o livro a que nos referimos, não tem um carácter exclusivamente científico. É também um livro de calorosa propaganda anti-jesuítica, e essa feição especial que lhe dará valor aos olhos de muitos, a quem porventura não interesse a parte propriamente científica. (1900, p. 9-10)

As afinidades existentes a esse nível não foram suficientes para estancar o confronto entre os escritos de Maria Lacerda de Moura e do médico. Debajo dos conceitos ditos “científicos” os argumentos de uns não

eram aceites pelos outros, homens e mulheres, nestes como em tantos outros casos, não se encontravam do mesmo lado da barreira.

Para terminar, não deixa de ser significativa a menção feita a Virgínia Quaresma (1882-1973), confirmando a proximidade na relação existente, à época, entre a jornalista e a escritora Ana de Castro Osório, do mesmo modo como a que se espelha entre as brasileiras, Ana Galheto<sup>8</sup> e Maria Lacerda de Moura.

Nos trânsitos atlânticos muito ainda ficará por dizer, mas o estudo da correspondência agora apresentada alimentou o nosso ensejo de desvendar o percurso dos feminismos que continua a merecer o nosso respeito. Esse mesmo respeito nutria e mantinha ligadas, apesar de entre ambas um oceano pelo meio se estendesse, como pela escrita confessa de Lacerda de Moura, sabemos “Cada vez restringindo mais o círculo já muito limitado das minhas relações”, não excluir Ana de Castro Osório, conhecedora de *A mulher e a degenerada*, na qual afirmara: “A obra da educação científica, racional para ambos os sexos, é o mais perfeito instrumento de liberdade. É a extinção da miséria universal, é o acúmulo de riquezas, é a contribuição para a solidariedade – a moral futura” (MOURA, 1932).

## Referências

- PEREIRA, António Maria. A Sciencia e o Jesuitismo: réplica a um padre. In: *Novo Almanch das Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1901*. Lisboa: 1900. p. 9-10.
- MOURA, Maria Lacerda. In: *Educação Social*, p. 83-84, mar. 1925.
- GONÇALVES, Adelaide; SILVA, Jorge. Maria Lacerda de Moura – uma anarquista individualista brasileira. In: *Revista Utopia*. Disponível em: <<http://www.nodo50.org/insurgentes/textos/mulher/09marialacerda.htm>>.
- LAGUARDIA, Angela. Maria Lacerda de Moura e Miguel Bombarda: perspectivas da ciência no limiar do século XX. In: *Women, Science and Globalization. What's UP?* Lisboa: AMONET, 2012. p. 121-129. Disponível em: <<http://www.amonet.pt/>>.
- LEITE, M. L. M. *Outra face do feminismo*: Maria Lacerda de Moura. São Paulo: Ática, 1984.
- LOUSADA, Isabel, Adelaide Cabete: entre a eugénica e a eugénica na defesa da Res publica. In: *Letras & Ciências – As duas Culturas de Filipe Furtado*. Caleidoscópio, 2009. p. 513-531. Disponível em: <<http://run.unl.pt/handle/10362/2598>>.
- LOUSADA, Isabel, Feminismo en la voz de una periodista feminista. Virgínia Quaresma. In: *XV Colóquio Internacional da Associação Espanhola de Investigación Histórica sobre as Mulheres*. Bilbao: Associação Espanhola de Investigación Histórica, 2010. Disponível em: <<http://run.unl.pt/handle/10362/4362>>.

<sup>8</sup> Trata-se de Ana Vilalobos Galheto, autora de *O Génio da Raça*, publicado em 1924, em S. Paulo, Brasil, pela Tip. Paulista. Ligada, como o prefácio assinado deixa saber, a Eunice Caldas, mentora da Fundação Feminina Santista (1879-1967).

MOURA, M. L. *A mulher é uma degenerada?* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1932.

OLIVEIRA, Paulino. A bandeira da revolução. In: *O Mundo*, 1911.

OLIVEIRA, Paulino. *Em ferros d'El-Rey*: considerações acerca da minha prisão. Pref. Daniel Pires. Setúbal: Centro de Estudos Bocageanos, 2012.

OSÓRIO, A. C. A mulher e os seus direitos no futuro. In: *Renascença*, n. 1, fev. 1923.

OSÓRIO, A. C. *A mulher heróica*. Lisboa, 1916.

RAGO, M. Trabalho feminino e sexualidade. In: DEL PRIORE Mary; BASSANEZI, Carla. (Eds.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 599.

SCHUMAHER, Schuma; BRAZIL, Érico Vital. (Orgs.). Maria Lacerda de Moura. In: *Dicionário Mulheres do Brasil de 1500 até a actualidade*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. p. 399-400.

Recebido: 22 de março de 2013

Aprovado: 16 de abril de 2013

Contato: iclousada@gmail.com